



História da Historiografia: International
Journal of Theory and History of
Historiography

E-ISSN: 1983-9928

historiadahistoriografia@hotmail.com

Sociedade Brasileira de Teoria e História
da Historiografia

Oliveira Fernandes, Luiz Estevam de; Barbosa, Fernanda Bastos
Pacificar a história: passado, presente e futuro nas formas de pensar a política mexicana
na transição do século XIX ao XX

História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography,
vol. 4, núm. 7, noviembre-diciembre, 2011, pp. 134-156

Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=597770278009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Pacificar a história: passado, presente e futuro nas formas de pensar a política mexicana na transição do século XIX ao XX

Pacifying history: past, present and future in the ways of thinking Mexican politics, in the transition from the 19th to 20th centuries

Luiz Estevam de Oliveira Fernandes

Professor adjunto
Universidade Federal de Ouro Preto
leof79@gmail.com
Rua Marquês de Pombal, 285, A
35420-000 – Mariana – MG
Brasil

Fernanda Bastos Barbosa

Graduanda
Universidade Federal de Ouro Preto
fernanda.ichs@yahoo.com.br
Travessa Salomão de Vasconcelos, 80
35420-000 – Mariana – MG
Brasil

134

Resumo

Durante o Porfiriato (1876-1911), houve uma intensa produção sobre o momento de estabilidade política que o México atravessava. O objetivo deste texto é discutir como, entre os séculos XIX e XX, polígrafos mexicanos utilizaram a História e concepções de tempo em suas obras políticas sobre a Paz porfiriana. Escolhemos os textos de Bernardo Reyes, Justo Sierra e Francisco Madero. A intenção é explicitar como, a partir da memória de um passado anárquico mexicano pós-independência, marcado por guerras civis e intervenções estrangeiras, criou-se no México uma imagem de Díaz como o regenerador da nação, que conseguiu estabelecer a paz interna durante sua ocupação da primeira magistratura do país. Desse presente pacificado, um futuro emergiria. Mas tal futuro, por sua vez, dependia de escolhas políticas que seus autores buscavam defender.

Palavras-chave

História da historiografia; Temporalidades; América Latina.

Abstract

During the Porfiriato (1876-1911), there was an intense moment of production on the political stability that Mexico was going through. The aim of this paper is to discuss how, between the nineteenth and twentieth centuries, Mexicans polygraphs have used history and conceptions of time in their political works on the *Porfirian peace*. We have chosen the texts of Bernardo Reyes, Justo Sierra and Francisco Madero. The intention is to explain how, from the memory of an anarchic post-independence Mexican past, marked by civil wars and foreign interventions, an image of Díaz as the regenerator of the nation was created; Díaz was portrayed as someone who managed to establish that internal peace during his presidency. From this pacified present, a future would emerge. But such a future, in turn, depended on political choices that its authors sought to defend.

Keywords

History of historiography; Temporalities; Latin America.

Enviado em: 8/10/2011

Aprovado em: 1/11/2011

Desde a proclamação oficial da independência, em 1821, o México passou por um longo período de experimentos políticos. Depois de um curto período imperial, o país ingressou na vida republicana e, em poucos anos, teve vários presidentes, muitos deles ficando apenas alguns meses no poder. Houve outras experiências políticas, como triunviratos e ditaduras.

Em meio a tais mudanças, algumas tendências puderam ser observadas. Ao mesmo tempo em que se deu uma relativa centralização, o poder passou a ser disputado por dois grandes setores, o liberal e o conservador. Como tipos ideais, tinham propostas ideológicas opostas. O partido conservador era marcadamente centralista e corporativo, defendendo uma nação católica dividida em estamentos, cuja unidade deveria repousar nas tradições e nos costumes. Já o partido liberal era federalista e, por sua vez, defendia que o Estado deveria ser laico e dar-se através da igualdade jurídica dos cidadãos, excluindo qualquer divisão em estamentos. Mas essa pureza ideológica não era sempre observada, tendo os ideais moderados um maior número de seguidores.¹

Durante o governo de Ignacio Comonfort, eleito em 1857, os conflitos entre esses setores rivais ficaram mais candentes, desembocando na promulgação de nova Constituição, marcadamente liberal.

Para além de questões estritamente internas, houve também invasões estrangeiras, como a americana (que resultou na perda de algo mais da metade do território da nação em 1848) e a francesa, que gerou um segundo interregno imperial na história oitocentista mexicana.

Da soma de tais eventos, internos e externos, eclodiu uma sangrenta guerra civil, que restaurou a República, expulsando os franceses, mas que também deu vazão às dissensões entre conservadores e liberais na chamada "Guerra da Reforma", bem como a outras escaramuças locais. A vitória liberal fez-se sentir quando, no primeiro governo de Benito Juárez, entre meados de 1859 e finais de 1860, foram promulgadas cinco leis (Leis da Reforma) que separavam Igreja e Estado; tais leis fizeram com que a Igreja perdesse muita força no México.

Por conta de tantos conflitos, um dos grandes projetos liberais quando de seu triunfo na condução do país era o de "pacificar o México". Tal projeto visava ao ingresso do país no rol de nações civilizadas, assinalando o progresso que disso adviria. Para que isso ocorresse, acreditava-se necessário que as instituições e leis fossem respeitadas, e que um governo justo disso adviesse, mantendo-se em conformidade com a legislação.

Foi então que, desde 1876, e durante mais de 30 anos, o país ficou nas mãos de apenas um homem. Embora tenha havido outros presidentes até o estalar da Revolução Mexicana, o México gravitou ao redor de Porfirio Díaz. Naquelas décadas, esse momento de estabilidade política que os anos do Porfiriato pareciam significar não passou despercebido. O objetivo deste texto é discutir

¹ Para um aprofundamento da questão ver: FERNANDES 2009. Josefina Zoraida Vázquez também escreveu que: "las tendencias políticas mexicanas del siglo XIX tuvieron, por supuesto, una amplia gama de matices, lo que dificulta su clasificación. El conservadurismo mexicano a menudo se caracteriza en forma simplista, como defensa de la tradición hispánica y, por tanto, centralista, corporativo, clerical, militarista y monárquico frente a un liberalismo también monolítico, al que sólo se le reconoce la división

como, entre os séculos XIX e XX, polígrafos mexicanos representaram tal estabilidade e os anos de Porfiriato em suas obras. Para isso, dirigiremos nossa atenção ao uso da história e da passagem do tempo para os textos de três importantes indivíduos.

O primeiro deles, Bernardo Reyes Ogazón (1850-1913) nasceu em Guadalajara e iniciou sua carreira militar ainda jovem, lutando sempre a favor do grupo liberal. Participou como soldado da guerra contra a intervenção francesa no México (1864-1867), contestando o governo do imperador Maximiliano de Habsburgo. Durante a presidência de Porfirio Díaz, assumiu o cargo de governador do estado de Nueva León e, em 1900, foi nomeado ministro de Guerra. Para esse artigo, verificaremos em seu livro *El General Porfirio Díaz*, escrito em 1902, como o governo de Díaz foi retratado como um período de estabilidade necessário ao crescimento do país, mas que, temerariamente, poderia se perder e perpetuar-se como uma ditadura.

Depois, passaremos à produção de Justo Sierra Méndez (1848-1912). Literato e político, foi Ministro da Suprema Corte mexicana e, posteriormente, ocupou o cargo de ministro de Instrução Pública e Belas Artes de Díaz. *Científico*, acreditava que a educação era sinônimo de fortificar o país. Publicou *México: su evolución social* (1900-1902),² obra em três volumes, fartamente ilustrada, “que era un catálogo del progresismo porfiriano, fenómeno que abarcaba de la modernización del transporte a la reforma educativa, sanitaria, policial y carcelaria” (LOMNITZ 2008, p. 450).

Com isso, verificaremos como Sierra criou outra forma de representar a tensão entre o passado turbulento do país, o presente pacificado e o futuro incerto entre o progresso absoluto advindo da pacificação ou dos perigos de uma ditadura. Para aquele intelectual positivista, o México fincara raízes de uma árvore da paz que só poderia dar bons frutos.

O terceiro, a exemplo de Reyes, tornou-se adversário político de Díaz. Francisco Ignacio Madero (1873-1913) vinha de uma família de fazendeiros importantes de Coahuila e, a partir de 1908, passou a fomentar críticas ao governo. Lançou uma campanha antirreeleição para o pleito de 1910 e foi preso. Fugiu para tornar-se um dos líderes da Revolução Mexicana, sendo nomeado primeiro presidente após a renúncia de Díaz, em 1911. Seu principal trabalho foi *La sucesión presidencial en 1910: el partido nacional democrático*, escrito em 1908 e publicado em 1909. Embora durante o referido período histórico tenham existido vários outros trabalhos que versaram sobre o governo de Díaz, a escolha das obras analisadas justifica-se pela contribuição que deram para mudanças de matizes e matrizes historiográficas sobre o porfirismo. Ainda que não sejam trabalhos de história propriamente, mas um misto de história

en radicales y moderados. Esta visión pasa por alto que todas las tendencias se nutrieron en las mismas fuentes, por lo que los “partidos” coincidieron en muchas temáticas [...]” VÁZQUEZ 1997.

² É importante elucidar que entre 1900 e 1902 foi publicada no México uma obra organizada por Justo Sierra intitulada *México: su evolución social*. Ele próprio possuiu dois capítulos no livro, denominados “Historia política” e “La era actual” que, posteriormente, foram reeditados em 1940 sob o nome de “Evolución política del pueblo mexicano”, juntamente com o ensaio “*México social y político*”. Neste artigo utilizaremos a reedição da década de quarenta do século XX.

contemporânea e de análise da situação política da época, são estudos recorrentemente citados no âmbito historiográfico profissional; ou seja, tornaram-se canônicos, formaram opinião e instituíram uma memória sobre o presidente.

Embora alguns pontos da biografia desses autores sejam mencionados ao longo do trabalho, nosso escopo não é reduzir o sentido dessas obras, pensando-as apenas como um mero resultado de aspectos biográficos particulares. A intenção é explicitar de que modo, a partir da memória de um passado caótico mexicano pós-independência, marcado por guerras civis e intervenções estrangeiras, criou-se no México uma imagem de Porfirio Díaz como o regenerador da nação mexicana, construtor de um país moderno, que conseguiu estabelecer a paz interna durante sua ocupação da primeira magistratura do país. Desse presente pacificado, um futuro emergiria. Mas isso, por sua vez, dependia de escolhas políticas que seus autores buscavam defender.

Em comum, os três autores, tão diferentes entre si, tinham a crença na paz durante o Porfiriato. Essa chave de leitura foi sintetizada por François-Xavier Guerra:

El porfiriato, antes de ser para los historiadores un período de crecimiento económico y de cambios sociales fue primero que nada, para aquellos que lo vivieron, la paz recobrada. La “perspectiva histórica” tan necesaria, falsea a veces la realidad; para nosotros y para los actores de la Revolución, la paz porfirista es a menudo un dato de base que sirve para explicar otros fenómenos de los que, efectivamente, fue el origen. Pero, ¿quién podría decir lo que la paz representó verdaderamente para los habitantes del México de fines del siglo XIX? ¿Y por qué y cómo se alcanza esta paz? Para los mexicanos de la época, la paz fue el término de un período de disturbios en la historia del país, mientras que para nosotros no es frecuentemente, más que una premisa (GUERRA 1991, p. 212).

137

México regenerado: passado anárquico e o governo da lei na obra de Bernardo Reyes

O livro *El General Porfirio Díaz* de Reyes pode ser dividido claramente em duas grandes partes. A primeira menciona os feitos militares de Díaz antes de tornar-se presidente da República, descrevendo detalhadamente a participação do general em vários conflitos. A outra aborda o tempo em que ele já havia se tornado o primeiro magistrado do país. As fontes utilizadas por Don Bernardo para dar legitimidade ao seu trabalho foram as memórias do próprio presidente publicadas em 1892,³ bem como os discursos de abertura das sessões ordinárias do Congresso Nacional mexicano, proferidos semestralmente por Díaz.

Logo no início de seu trabalho, Reyes, ao escrever sobre o nascimento de Porfirio Díaz, uniu a vida deste à própria trajetória da história do México, tendo como chave a remissão ao evento conhecido como “Grito de Dolores”. O dia 15 de setembro de 1810 era considerado pelos republicanos como o início da luta pela independência, data do Grito de Dolores proferido por padre Miguel Hidalgo.⁴

³ As memórias de Porfirio Díaz não se referem aos seus feitos como presidente, mas sim como militar, pelo menos, até a época da República Restaurada (1867).

⁴ Como escreveu Luis Villoro, em tom apologético, “[...] la noche del 15 de Septiembre, en la villa de

Acerca do nascimento de Díaz, Don Bernardo escreveu:

Viene el general Díaz á la vida en el año de 1830; nace en Oaxaca el 15 de Septiembre de ese año, día que es aniversario de aquel en que Hidalgo proferiera, con fulminante inspirado acento, en 1810, en el pueblo de Dolores, el sublime grito de *Independencia*, que repercutiendo atronador por valles y montañas, hasta los más apartados confines del virreinato del México, levantó en armas á un pueblo siervo, que tras de once años de lucha heroica, rompió las cadenas que lo ataran por trescientos años á la metrópoli española, para así formar una nación independiente y soberana. ¡Coincidencias inexplicables, pero que por su enlace magnífico hablan de algo inescrutable y grande! Aparece el predestinado para defender y transformar brillantemente á México, en ese aniversario glorioso del grito heroico por su independencia (REYES 1960, p. 9, grifo no original).

Nota-se na citação acima que Reyes mobilizou dois conceitos opostos ao referir-se ao nascimento do futuro presidente: “coincidências” e “predestinação”. Uma expressão que se remete ao acaso, ao acidente. Outra é oposta e liga-se ao destino, a uma intervenção metafísica e divina na trajetória humana na Terra.

Apesar de serem opostos, Reyes aproxima os dois conceitos como sinônimos apenas para, ao final, optar pelo caráter predestinado do nascimento de Díaz no mesmo dia do aniversário do grito de Independência do México. A emancipação da nação, que nascera naquele 1810, tinha continuidade providencial no nascimento de Porfirio Díaz. Para Reyes, Díaz era homem cujo destino seria regenerar um país cindido por guerras intestinas e intervenções norte-americanas e francesas, que por tempos ameaçaram a soberania do país. O livro apresenta Díaz, portanto, como uma espécie de profeta, um homem escolhido providencialmente para evitar que a Independência se perdesse.

Em todo o livro, tanto como militar, quanto como presidente, Porfirio Díaz se colocou *pela* nação. Ou seja, para Reyes, foi o patriotismo de Díaz que o moveu e o fez tomar suas atitudes. O próprio episódio da renúncia do general ao Exército, em 1867, no dia em que Benito Juárez, então presidente, entrou triunfante na cidade do México após a vitória das tropas oficiais contra o imperador europeu Maximiliano de Habsburgo, foi justificado pelo tapatío devido ao fato do general não estar mais satisfeito com os rumos da administração juarista. Além disto, quando Díaz se levantou contra o segundo mandato de Juárez, na chamada “Revolução de La Noria” e, principalmente, na de “Tuxtepec”⁵

138

Dolores, de la que es párroco, llama en su auxilio a todo el pueblo, libera a los presos y se hace de las armas de la pequeña guarnición local. El movimiento ha dado un vuelco. La insurrección ya no se restringe a los criollos letrados. A la voz del cura ilustrada, estalla súbitamente la cólera contenida de los oprimidos. La primera gran revolución popular de la América hispana se ha iniciado” (VILLORO 2000, p. 504).

⁵ Segundo Bernardo Reyes, Benito Juárez, ao entrar na cidade do México em 1867, tomou a medida de reduzir o contingente militar, retirando alguns importantes indivíduos de seus cargos no Exército. Além disto, no dia 14 de agosto do mesmo ano o presidente expediu um plebiscito convocando o povo mexicano a votar pelo aumento do poder Executivo, o que acabou gerando uma divisão entre os membros do grupo liberal, e uma consequente guerra civil entre eles. Diante deste cenário conflituoso, em 1871 Díaz expediu seu Plano de La Noria contra o segundo mandato governamental de Juárez alegando “que se había falseado el voto público” (REYES 1960, p. 261). Contudo, nesta mesma época o presidente morreu e o Plano de Díaz perdeu razão de ser. No ano de 1876, já sob o governo de Sebastián Lerdo de Tejada, presidente da Suprema Corte que, à morte de Juárez, tomou posse da primeira magistratura, Díaz novamente lançou um Plano que desconhecia

(esta contra a reeleição de Sebastián Lerdo de Tejada), o discurso também pregou que o motivo foi o amor pela pátria do futuro presidente, que tudo fizera em benefício da nação.

Um dos momentos mais importantes do livro diz respeito à ascensão de Díaz à primeira magistratura mexicana. Como demonstra o trecho abaixo, Reyes acreditava em um bom futuro mexicano, um porvir feliz sob o governo de Porfirio Díaz, indivíduo que traria prosperidade ao país. Com todos os conflitos e problemas por que passava o México, só mesmo o “predestinado” poderia gerar estabilidade e paz à nação. Escreveu o autor:

A fin de dar ser constitucional al Gobierno, el vencedor [Porfirio Díaz] expidió la convocatoria para las elecciones de los poderes; y á virtud de ella se reunió en el mes de Abril el Congreso electo, declarándolo Presidente de la República en Mayo de 1877, previa la computación de los votos respectivos.

Ya estaba al frente de los destinos de la nación aquel hombre que había aspirado á ello, con el fin de procurar su engrandecimiento: habíase confirmado en los comicios la posición que le diera el triunfo del Plan de Tuxtepec.

¡Inmensa deuda había contraído para con sus conciudadanos, y llegaba la hora de satisfacerla![...]

El compromiso era solemne é imponía tareas titánicas, ante cuya perspectiva se hubiera sentido anonadado cualquier estadista ilustre, cualquier afortunado vencedor, pero no quien con el genio del vidente, con la energía del gladiador, desarrollada en grandes luchas; con la fe del triunfador, con la iniciativa del gobernador providente, y con el amor á la patria del que hiciérase glorioso combatiendo á muerte por ella, había medido de antemano, con olímpica serenidad y con intuición profética, lo formidable de la empresa á que se arrojava, y entrevisto con los ojos de la mente la realización feliz de sus proyectos colosales[...]

Al solitario de Oaxaca en 1870, á fuerza de encender su pensamiento en los grandes ideales patrióticos, habíase mostrado la visión de la República feliz. Y el vidente se sintió impulsado, volando á realizar los propios destinos, en busca de aquella anhelada prosperidad para México (REYES 1960, p. 267).

O futuro era certo. A nação tinha um destino a cumprir: também ela estava predestinada à paz e à ordem. Essa fórmula da história nacional, na qual o próprio país era personagem histórico central e que se punha como um cenário, um palco no qual os fatos se desenrolavam, não era novidade. Tal forma de narrar a história, de valores nacionalistas, precisava de grandes homens, heróis perpetradores de façanhas incríveis. Em outras palavras, livros como o de Reyes manifestavam a crença na capacidade de um líder em guiar massas e civilizá-las. Na história nacional, o prócer narrado é um pró-homem a serviço da nação e da humanidade (ROZAT 2001, p. 127): a Nação era a nova verdade. E Díaz, no texto de Reyes, era este pró-homem.

Sobre o período governamental de Díaz, Reyes destacou o amor à pátria do presidente pelo México, a transformação do país em uma nação moderna

Lerdo como presidente, sendo um dos principais artigos a proposta de não-reeleição. Porfirio Díaz, portanto, saíra vencedor contra as forças lerdistas na batalha em Tecoac, estado de Puebla.

que, sob seu governo, passou a vivenciar uma situação de paz, ordem e grande progresso material. Reproduzindo trechos dos documentos oficiais, Don Bernardo destacou os grandes feitos materiais do país, como a construção das estradas de ferro, dos telégrafos, a construção de hospícios, bancos, escolas, entre outros, como o *Desagüe del Valle*, canal para evitar enchentes na capital, cuja drenagem era tida como símbolo de salubridade pública na época.⁶ Além disto, foi dada ênfase à organização da “Hacienda” pública, ou seja, ao equilíbrio econômico dos egressos e ingressos do país conseguido pelo presidente entre os anos de 1895-1896. Nas palavras de Reyes,

La obra estaba hecha, *la nación regenerada*; el México moderno saludó gozoso á los pueblos cultos al entrar de lleno en la nueva era de su historia, que señala la época de la gestión administrativa de que nos hemos ocupado en los tres últimos capítulos de esta biografía; biografía que ha necesitado extensas páginas, ya que se ha tratado escribir la vida de un héroe y de un estadista que con sus proezas en la guerra y en la paz ha fatigado los ecos de la Fama (REYES 1960, p. 313, grifo nosso).

Percebe-se que Reyes utilizou a noção de “nação regenerada”, indicando que, para ele, Don Porfirio conseguira durante seu governo gerar novamente a nação mexicana, criando um país estável, pacífico e moderno. O autor aponta ainda que a primeira metade do século XIX, pós-independência, teria sido conflituosa. O governo de Benito Juárez, antes da República Restaurada, por exemplo, fora itinerante, tendo que se instalar em vários estados devido às disputas entre o grupo liberal e o setor conservador do país. Assim, a partir de 1876, a nação renascia depois de nova e tumultuada gesta; isso podia ser percebido na estrutura organizada de governo: no governo da lei e na firmeza das instituições, bases para o desenvolvimento nacional.

Quando Reyes escreveu a respeito da reeleição de Don Porfirio, em 1884, ficou clara a justificativa de que aquela era uma vontade popular. Em nenhum momento do livro o autor denominou o presidente de ambicioso ou egoísta, como veremos, por exemplo, na obra de Francisco Madero.⁷ Para o tapatío, Díaz foi chamado pelo voto público⁸ para retornar à primeira magistratura do

140

⁶ “Los tiempos en que para tener noticia de alguna parte del país se demandaba el transcurso de medio mes, y de uno ó dos meses más para que alguna fuerza puesta en campaña llegara á ella, eran propicios, naturalmente, á las revueltas; pero el telégrafo y el ferrocarril las hicieron difíciles y contribuyeron á consolidar la paz y tranquilidad públicas, que atraieron el capital extranjero para que viniera á derramarse en nuestro territorio, erigiendo fábricas y talleres é innúmeras industrias” (REYES 1960, p. 298).

⁷ Neste ponto achamos importante destacar que, mesmo Bernardo Reyes não sendo um crítico do governo porfirista, existiu no México um movimento popular conhecido como “Reyismo”. Reyes possuía grande popularidade no país e quando da notícia, em abril de 1909, de que eram candidatos para as eleições de 1910 Porfirio Díaz e Ramón Corral, muitos indivíduos passaram a almejar Reyes para o cargo, pedindo que Don Porfirio reconsiderasse sua escolha. Segundo Artemio Benavides Hinojosa (1998), entre maio e junho do mesmo ano vários clubes foram organizados tanto na capital, quanto nos estados, com a proposta de que Reyes fosse o vice-presidente. Contudo, diante desta situação o próprio Reyes não tomou nenhuma atitude, negando-se a encabeçar o movimento e partindo para Paris (a pedido do presidente) em novembro de 1909. Como escreveu Benavides, “frente a la elección presidencial de 1910, son los reyistas los más importantes protagonistas, no el general Reyes que ‘no hizo entonces –ni nunca– acto público de candidatura. Todo el episodio reyista permanece caracterizado por esta ambigüedad permanente: la de un movimiento extremadamente popular, en que el candidato jamás quiso ponerse a la cabeza de sus tropas” (BENAVIDES 1998, p. 292).

⁸ Claudio Lomnitz nos lembra que as eleições, em si, não gozavam de muito prestígio popular e não

país, posteriormente ao mandato de Manuel González.⁹ As várias reeleições do presidente também se justificaram por uma vontade popular. Em nenhum momento Reyes classificou o governo porfirista de ditador ou despótico. Como escreveu,

La Carta fundamental, que había sido reformada en el sentido de que no fuese aceptada la reelección del Presidente de la República, sufrió nuevas reformas, desde Octubre de 1887, contrariando aquel principio; y en 1888 el General Díaz fue agraciado por el voto público para seguir al frente de los destinos de la nación, sucediendo lo mismo en cada uno de los períodos subsecuentes.

La opinión se pronunció resueltamente por la reelección, cuando estuvo al frente del Gobierno el hombre que llegó a ser un símbolo de prosperidad nacional (REYES 1960, p. 286).

Portanto, para Bernardo Reyes, Porfirio Díaz é representado como um herói, o indivíduo que conseguiu pacificar o México ou, como dito acima, tornar a gerar um país que por tempos foi ameaçado de perder sua independência e soberania. A todo o momento da obra percebemos como Don Bernardo expôs uma noção de que houve uma “segunda independência” mexicana sob o Porfiriato. Como explicou,

México en paz, ofreció tales seguridades al hombre y á sus intereses que ello le dio fama, y llegó á todas partes del globo la noticia de las garantías que en el país se disfrutaban.

Se extendió la buena nueva, y el país aquel, de abolengo anárquico, se presentó de forma tal ante la consideración de los otros pueblos, que sabían de improviso el estado de su florecencia, que se reputó su progreso maravilloso; y todas las miradas buscaron al promotor de sus adelantos, al autor de la transformación nacional, y vieron al héroe de una leyenda que sobre el removido, sangriento campos de luchas, venía regando bienes, y hacía surgir del antiguo al brillante México moderno (REYES 1960, p. 299).

Ou seja, no concerto internacional das nações civilizadas, o México podia, ao livrar-se de seu “avoengo passado anárquico”, gozar um merecido lugar. Era local de leis e instituições sólidas. Isso se devia ao herói Díaz e o povo anuava com isso. Não só a população mexicana aplaudia a pacificação do passado e projetava um “brilhante México moderno”, como também todos os povos do mundo já tinham ciência disso.

eram vistas como indicador da vontade do povo. Justamente, por isso, na opinião do mesmo autor, surgem os científicos: um grupo de jovens intelectuais liberais que cria para a campanha da terceira reeleição de Díaz um modelo de prévias eleitorais e um partido político com manifesto, inspirado no modelo norte-americano. No texto do manifesto, a plataforma porfiriana era descrita como uma maneira “científica” de organizar as finanças e o modelo tributário do México, força das leituras de autores como Augusto Comte. Os signatários do manifesto, que incluíam Sierra e José Yves Limantour, passaram, então, a ser conhecidos como “científicos”. O vocábulo extrapolou seu significado original e passou ser usado como crítica a todos os que estavam assessorando Díaz (LOMNITZ 2008, p. 447-448).

⁹ “Cuando tanto anhelo había manifestado por la prosecución del General Díaz en el poder, desde que se efectuara anteriormente el cambio de personal en el supremo gobierno, en 1880, era de esperarse que en la renovación de 1884 fuese llamado por el voto público, nuevamente, á la Presidencia de la República aquel ilustre gobernante.

Cierto malestar, que fue rápidamente tomando creces, hubo de experimentarse en la nación en los últimos tiempos del período del General González; pero la esperanza en el general Díaz tuvo en suspenso los ánimos, y su vuelta á la primera magistratura de la nación era esperada con ansiedades que parecían desbordarse” (REYES 1960, p. 282).

A árvore da paz definitiva: Justo Sierra e a visão evolucionista da nação mexicana sob o governo de Díaz

Justo Sierra foi membro da chamada elite científica porfirista. Participou ativamente da União Liberal Nacional, grupo criado no ano de 1892 que, mesmo apoiando e propagandeando as reeleições do presidente, não deixou de criticar algumas posturas adotadas por ele. Como escreveu Luis González, os *Científicos* foram “un grupo que más de una vez censuró con mucha mano izquierda la obra de Porfirio Díaz desde una plataforma política dada a conocer desde 1892 en famosa convención” (GONZÁLEZ 2000, p. 674). Segundo o historiador inglês Paul Garner,

El vehículo de desafío al poder ejecutivo, desde el interior del círculo de asesores más allegados, fue la Unión Liberal Nacional, formada en 1892, que surgió del Consejo central porfirista que se formó el mismo año para promover la tercera reelección de Díaz. [...] Como lo afirmó Justo Sierra, abogado, periodista, primer secretario de Instrucción pública después de 1905 y uno de los intelectuales más destacados de la época, en el manifiesto de la Unión Liberal: “Si la paz efectiva se ha conquistado por medio de la vigorización de la autoridad, la paz definitiva se conquistará por medio de su asimilación con la libertad” (GARNER 2003, p. 206).¹⁰

Embora tenha formulado críticas a Díaz, principalmente nos últimos mandatos, procuraremos compreender como em seu ensaio “La era actual”, contido em *México: su evolución social*, Sierra legitimou a concentração de poder nas mãos do presidente, embora acreditasse ser tal medida perigosa para o desenvolvimento de um governo democrático. Don Justo Sierra não deixou de criticar a falta de liberdade política que existiu no México porfirista, já que acreditava que tal medida era perigosa para o desenvolvimento de um governo democrático. Julgava que a concentração de poder nas mãos do presidente era, no entanto, necessária para acabar com os conflitos no país. Mais uma vez, o controle do passado era a chave para entender o presente pacificado.

O autor iniciou o ensaio falando como a situação de guerra civil deixou o país destruído até o período anterior a 1876. Escreveu o advogado, “el país estaba desquiciado; la guerra civil había, entre grandes charcos de sangre, amontonado escombros y miserias por todas partes; todo había venido por tierra [...]” (SIERRA 1940, p. 280). Ou seja, Sierra não acreditava que o quadro do passado antes de Díaz era apenas caótico, como defendia Reyes, mas que havia destruído o México fisicamente. O texto de Sierra reduz o país pré-Díaz a

142

¹⁰ Este trecho do manifesto de Justo Sierra foi retirado por Paul Garner da obra de Charles Hale: *The transformation of liberalism in late nineteenth-century Mexico*. Hale é autor de uma trilogia muito conhecida sobre o liberalismo mexicano: *Mexican liberalism in the age of Mora 1821-1853* (1968), *The transformation of liberalism in late nineteenth-century Mexico* (1989) e *Emilio Rabasa and the survival of porfirian liberalism* (2008). Diferentemente do que Jesús Reyes Heróles afirmou anos antes em *El liberalismo mexicano* (1957-1961), Hale acreditava o liberalismo e o positivismo não eram totalmente opostos, sendo as ideias do segundo adotadas pelo primeiro durante a segunda metade do século XIX. Criticando a proposta de Reyes Heróles, para quem o Porfiriato seria a negação do liberalismo, Hale defendeu que, a partir de 1867 até 1878, o liberalismo no México se estabeleceu principalmente como “mito político unificador” (HALE 1991, p. 15), sendo posteriormente agregadas ideias positivistas a ele.

escombros e miséria, a um local onde nada mais parava de pé. Como em um romance, o prólogo prenunciava o que estava por vir: a reconstrução e regeneração ocorridas durante o porfiriato.

Sierra, pelo que percebemos, preocupava-se com a situação de guerra civil por que passou o México. No prólogo feito ao seu livro, Abelardo Villegas escreveu que, em 1878, o advogado, juntamente com alguns conhecidos, organizou um periódico intitulado *La libertad*, que propunha justamente o fim das disputas entre o setor conservador e liberal do país. Segundo o historiador, “el periódico mismo eleva[va] el epíteto de ‘diario liberal conservador’ y enfoca[va] la cuestión nacional con las armas del positivismo comtiano y del organicismo spenceriano [...]” (VILLEGAS 1985, p. XIV).

Além do cenário interno descrito por Sierra devido às disputas abaixo do Rio Grande, a imagem que se formava do México no exterior, principalmente no vizinho do norte, também era preocupante. De novo, o México era imaginado em uma relação especular para com o resto do mundo: sua imagem, boa ou má, seria refletida em outras partes civilizadas do orbe. Logo, uma imagem de fraqueza e destruição podia elevar o temor de mais uma invasão dos Estados Unidos no país.¹¹ Escreveu o autor,

Estaba probado; México era un país ingobernable, los Estados Unidos debían poner coto a tanto desmán, ya que Europa era impotente para renovar la tentativa. Los sociologistas nos tomaban como ejemplo de la incapacidad orgánica de los grupos nacionales que se habían formado en América con los despojos del dominio colonial de España, y el ministro de los Estados Unidos asumía una actitud de tutor altivo y descontento ante el Ejecutivo revolucionario (SIERRA 1940, p. 281).

143

Referindo-se a esta situação, Sierra escreveu que a vontade do povo mexicano era a de que existisse paz interna.¹² A paz, por conseguinte, fortaleceria o país e evitaria o mau julgamento que a comunidade internacional poderia dele fazer. Assim, tal como Reyes, Sierra também tangeu a mesma questão da necessidade de pacificar o México, embora em seu trabalho já encontremos certas críticas direcionadas ao governo, ainda que sutis.

Ao falar sobre o regime presidencial de Porfirio Díaz, o autor escreveu que o presidente estabeleceu seu poder sobre esse desejo popular, unânime, de paz interna. Argumentou,

Sobre ese sentimiento bien percibido, bien analizado por el jefe de la revolución triunfante [desejo de paz], fundó este su autoridad; ese sentimiento coincidía con un propósito tan hondo y tan firme como la aspiración nacional: hacer imposible otra revuelta general. Con la consecución de este propósito, que consideraba, ya lo dijimos antes, como un servicio y un deber supremo a un tiempo, pensaba rescatar ante la historia la terrible responsabilidad contraída en dos tremendas luchas fratricidas [revolta

¹¹ Percebemos em Sierra, como em Reyes e no próprio Madero, a preocupação de perda de soberania do México frente aos Estados Unidos.

¹² “Pocas veces se habrá visto en la historia de un pueblo una aspiración más premiosa, más unánime, más resuelta” (SIERRA 1940, p. 281).

de La Noria e revolução de Tuxtepec]: la sangre de sus hermanos le sería perdonada si en ella e de ella hacía brotar *el árbol de la paz definitiva* (SIERRA 1940, p. 282, grifo nosso).

Se o México estava reduzido a escombros, desolado, a vontade da nação por paz era diametralmente oposta. Sólida, firme, mas representada por um buraco profundo que deveria ser preenchido pela paz. Logo, a “árvore da paz definitiva” tinha, por conseguinte, raízes igualmente profundas, capazes de ocupar esse enorme espaço de expectativa e ansiedade pela própria pacificação. Para que ela se enraizasse, mesmo os pecados de origem que a geraram, como o “sangue derramado dos irmãos”, haveriam de ser perdoados. Com Díaz, o México chegara a uma encruzilhada: pacificação completa ou caos absoluto.

Para que Díaz tivesse logrado êxito em estabilizar o país o autor explicou que o presidente fundou sua autoridade na fé e no temor dos mexicanos para com ele. Ou seja, segundo as ideias que Sierra atribuiu a Don Porfirio, era necessário que, ao mesmo tempo em que a população do país tivesse fé em sua figura e em seu governo, não poderiam, em momento algum, deixar de temê-lo.¹³ Nesse axioma maquiavélico, o autor deixou clara a diferença entre temor e terror, sendo este último um “instrumento de despotismo puro” (SIERRA 1940, p. 282-283).

Don Justo não definiu o conceito de temor de forma direta, mas, através de exemplos, podemos inferir do que se tratava. Escreve que os mexicanos deveriam temer o presidente em episódios como o da conspiração dos partidários lerdistas (contrários ao Porfiriato) durante o início do primeiro mandato. Na ocasião, Díaz sufocou a possibilidade de eclosão de qualquer manifestação contrária a si. Descrevendo o episódio, sublinhou o autor,

[...] a punto de estallar en terrible conflagración, fueron [os conspiradores] apagados en sangre: el siniestro estaba conjurado. La emoción fue extraordinaria: hubo protestas y dolor; muchos inocentes perecieron sacrificados, pero la actitud del presidente sorprendió; el temor, gran resorte de gobierno [...] se generalizó en el país. La paz era un hecho; ¿sería duradera? (SIERRA 1940, p. 282-283).

Dessa forma, chegamos à conclusão que o temor era algo que deveria ser perene como sentimento, mas não deveria ser exercido como poder o tempo todo. Em momentos de tribulação, o presidente deveria ser implacável, até mesmo impiedoso. Mas, passado o perigo, a normalidade deveria se instalar. O temor de um novo momento no qual o rigor governamental tivesse que ser acionado encarregar-se-ia de manter a paz.

Ao falar sobre a volta de Díaz ao poder em 1884, Sierra também expôs, como Reyes, a noção de que o ex-presidente voltou a ocupar a primeira magistratura devido à vontade nacional, já que havia um receio no país de que

¹³ “La fe y el temor, dos sentimientos que, por ser profundamente humanos, han sido el fundamento de todas las religiones tenían que ser los resortes de la política nueva. Sin desperdiciar un día ni descuidar una oportunidad, hacia allá ha marchado durante veinticinco años el presidente Díaz; ha fundado la religión política de la paz” (SIERRA 1940, p. 282).

este passasse novamente por conflitos civis. Mais uma vez, era o passado quem justificava uma ação no presente. Por sua vez, uma alteração no presente (em direção à situação caótica do passado) poderia desestabilizar o projeto de futuro.

A justificativa para a população ter outra vez escolhido Díaz, segundo Sierra, foi a expectativa de que Don Porfirio restabelecesse a ordem e procurasse nivelar as finanças do país, ações que não foram efetivadas durante o governo anterior, do general Manuel González. Como escreveu,

Algo así como una colérica unanimidad había vuelto al antiguo caudillo de la revolución al poder; los acontecimientos de la capital parecían indicio cierto del estado precario de la paz y de la facilidad con que podría caerse en las viejas rodadas de la guerra civil; la anarquía administrativa y la penuria financiera daban a la situación visos de semejanza con la del período final de la legalidad de 76, y a todos parecía que se habían perdido ocho años y que abría que recomenzarlo todo; la opinión imponía el poder al presidente Díaz como quien exige el cumplimiento de un deber, como una responsabilidad que se hacía efectiva (SIERRA 1940, p. 287).

Para que Díaz conseguisse realizar as tarefas que o país necessitava, era necessário que ele concentrasse a maior soma de poderes em suas mãos.¹⁴ O presente de paz era uma efemeridade diante do passado anárquico. Nesse sentido, o passado tinha mais força como polo atrativo: um descuido do presente e o futuro poderia ser atraído para o grande ímã do pretérito; a história poderia dar um passo para trás.

145

O autor destacou, portanto, quatro autoridades que seriam necessárias ao presidente para que os rumos da nação continuassem na trajetória correta: a autoridade legal, ou seja, o respaldo constitucional que ele possuía, uma vez que tinha sido eleito primeiro magistrado mexicano; a autoridade política, que para Sierra seria o poder de dirigir as câmaras responsáveis pelas leis do país, bem como o governo dos estados mexicanos; a autoridade social, que como escreveu, o constituiria “en supremo juez de paz de la sociedad mexicana con el asentimiento general, ese que no se ordena, sino que sólo puede fluir de la fe de todos en la rectitud arbitral del ciudadano a quien se confía la facultad de dirimir los conflictos” (SIERRA 1940, p. 288); a quarta autoridade seria a moral, que consistia em um *modus vivendi* de uma pessoa que se manifesta, externaliza-se, por um lugar, que no caso de Don Porfirio, seria o México.

Para Sierra, portanto, o presidente, munido das quatro autoridades, estabeleceu a paz no país:

¹⁴ Sobre as atitudes que precisavam ser tomadas no país escreveu Sierra: “En la enorme bancarrota política de ochenta y cuatro, el pasivo era abrumador; había que rehacer nuestro crédito en el exterior, sin el cual no habríamos podido encontrar las sumas necesarias para llevar a cabo las grandes obras del porvenir, haciendo recaer la obligación principal sobre el porvenir así favorecido, y esa obra parecía imposible vista la impopularidad ciega del reconocimiento de la deuda inglesa, clave de ese crédito; había que rehacer la desorganizada Hacienda y era preciso comenzar por una suspensión parcial de pagos; había que prestigiar la justicia, que imponer el respecto a la ley, que deshacer ciertas vagas coaliciones de los gobiernos locales, señal segura de debilidad morbosa en la autoridad del centro; había que dar garantías serias, tangibles, constantes al trabajo en su forma industrial, agrícola y mercantil... tal era el pasivo” (SIERRA 1940, p. 288).

[...] y era está, no huelga decirlo aquí, la última de las tres grandes desamortizaciones de nuestra historia: la de la Independencia, que dio vida a nuestra personalidad nacional; la de la Reforma, que dio vida a nuestra personalidad social, y a la de la Paz que dio vida a nuestra evolución total. Para realizar la última, que dio todo su valor a las anteriores, hubimos de necesitar, lo repetiremos siempre, como todos los pueblos en las horas de las crisis supremas, como los pueblos de Cromwell y Napoleón, es cierto, pero también como los pueblos de Washington y Lincoln y de Bismarck, de Cavour y de Juárez, un hombre, una conciencia, una voluntad que unificase las fuerzas morales y las trasmutase en impulso normal; este hombre fue el presidente Díaz (SIERRA 1940, p. 289).

Sierra estabelecia relações entre essa visão evolutiva da história mexicana e eventos da história universal. A Nação, em qualquer lugar, conforme já afirmamos, era o sujeito histórico, e precisava de guias, heróis. Especialmente em momentos de crise. Assim, Juárez e Díaz eram equiparados entre si, mas também com Cromwell e as tribulações da história inglesa do XVII; com Napoleão e a França revolucionária do início do XIX, bem como a Washington (e a independência americana) e Lincoln (durante a Guerra Civil no mesmo país); Bismarck e Cavour para a formação da Alemanha e da Itália, respectivamente. Grandes homens guiam os seus países em momentos de crise, fazendo surgir do caos uma regeneração capaz de dar sentido à história, na medida em que a fazem avançar para um estágio mais evoluído que o anterior. No caso mexicano, a terceira etapa histórica, a Paz, teria validado os degraus anteriores na escada da formação da Nação. Díaz coroava um longo processo. Mais que coroar, dava sentido a eles.

Sendo assim, o governo de Don Porfirio foi legitimado pela Nação mexicana. Mas, é imprescindível destacar que percebemos por parte do autor um receio de que estes poderes delegados ao presidente prejudicassem a realização de um governo democrático. Citamos,

Y esa nación que en masa aclama al hombre, ha compuesto el poder de este hombre con una serie de delegaciones, de abdicaciones si se quiere, extralegales, pues pertenecen al orden social, sin que él lo solicitase, pero sin que equivocase esta formidable responsabilidad ni un momento; y ¿eso es peligroso? Terriblemente peligroso para lo porvenir, porque imprime hábitos contrarios al gobierno de sí mismos, sin los cuales puede haber grandes hombres, pero no grandes pueblos. Pero México tiene confianza en ese porvenir, como en su estrella el presidente; y cree que, realizada sin temor posible de que se altere y desvanezca la condición suprema de la paz, todo vendrá luego, vendrá á su hora *¡Que no se equivoque!* (SIERRA 1940, p. 289, grifo nosso).

Em outras palavras, Sierra via o decurso histórico como um tratado de política: o povo abdicara de uma série de direitos, delegando seus poderes a um homem forte, capaz de reordenar o mundo passado. No presente, este povo continuava a investir o presidente de poderes extraordinários. Fica implícito no texto do autor um receio de Sierra que essa concentração do poder pudesse gerar despotismo (e, nesse sentido, inverter o rumo do futuro de volta ao passado). A única garantia de que isso não ocorreria era o próprio Díaz, a

estrela. A aposta era alta: o México podia tornar-se uma nação de grandes homens, mas não de um grande povo. Ainda assim, entre o receio e a fé, Sierra torcia para que a escolha política do presente mexicano não estivesse equivocada e que não compromettesse o futuro.

A conclusão a que o autor chega, após toda a explicitação da situação política do atual governo, é a de que o regime de Díaz não podia ser considerado, devido a suas várias reeleições, uma forma de despotismo clássico, como muitos se referiam, mas sim uma "ditadura social" ou um "cesarismo espontâneo". Ou seja, a ditadura que havia (e isso Sierra não negava) não era uma necessidade de seu governante, mas de seus governados. O novo "César" não pedia para estar no poder. A nação espontaneamente o desejava lá, uma vez que seu governo era respaldado pelos cidadãos do país e coerente com a constituição.¹⁵ Segundo Sierra, "para justificar la omnímoda autoridad del jefe actual de la República, habrá que aplicarle, como metro, la diferencia entre lo que se ha exigido de ella y lo que se ha obtenido" (SIERRA 1940, p. 290).

Para Don Justo, durante o governo de Don Porfirio, não houve uma evolução política, já que foram suprimidos os partidos e a dinâmica dos mesmos no cenário público do país. Concomitantemente, o que o autor argumentou, é que o México, em vista do período caótico anterior, passou por grandes transformações, tanto econômicas como sociais, e isso deveria ser levado em consideração. Assim, é possível notar que, para Sierra, a nação estava em paz e havia um quadro de evolução social. Era um entendimento positivista do que Bernardo Reyes descrevera como a regeneração do povo mexicano. Escreveu o advogado,

Pero si comparamos la situación de México precisamente en el instante en que se abrió el paréntesis de su evolución política y el momento actual, habrá que convenir, y en estos nos anticipamos con firme seguridad al fallo de nuestros pósteros, en que la transformación ha sido sorprendente. Sólo para los que hemos sido testigos del cambio, tiene todo su valor: las páginas del gran libro que hoy cerramos lo demuestran copiosamente: era un ensueño, – al que los más optimistas asignaban un siglo para pasar a la realidad –, una paz de diez a veinte años; la nuestra lleva largo un cuarto de siglo; era un ensueño cubrir al país con un sistema ferroviario que uniera los puertos y el centro con el interior y lo ligara con el mundo, que sirviera de surco infinito de fierro en donde arrojado como semiente el capital extraño, produjese mieses opimas de riqueza propia; era un ensueño la aparición de una industria nacional en condiciones de crecimiento rápido, y todo se ha realizado, y todo se mueve, y todo está en marcha y *México: su evolución social* se ha escrito para demostrar así, y queda demostrado (SIERRA 1940, p. 290).

¹⁵ Como argumentou o autor, "es un gobierno personal que amplía, defiende y robustece al gobierno legal; no se trata de un poder que se ve alto por la creciente depresión del país, como parecen afirmar los fantaseadores de sociología hispanoamericana, sino de un poder que se ha elevado, no sólo en el orden material, sino en el moral, porque ese fenómeno es hijo de la voluntad nacional de salir definitivamente de la anarquía" (SIERRA 1940, p. 289).

O historiador Guy Rozat Dupeyron, em *Los orígenes de la nación* (2001), argumentou que, para Sierra, o México estava indubitavelmente entrando na modernidade. Mas, por outro lado, nem tudo era perfeito: “reconoce que ‘no hemos logrado aclimatar aquí la libertad política por completo, aunque gozamos de gran libertad social, por el contrario de los americanos’; pero pregunta con justa razón ‘¿lo habían logrado hasta hace veinte años los franceses?’” (ROZAT 2001, p. 463). De novo, o México se punha diante das demais nações civilizadas e ponderava seu lugar entre elas, sua própria evolução social com a de seus compatriotas.

O passado como heurística: *La sucesión presidencial de 1910, de Francisco I. Madero*

Francisco Ignacio Madero descendia de uma importante família do estado de Coahuila, ligada ao governo local. Sua principal obra, *La sucesión presidencial de 1910*, é um trabalho de crítica ao governo porfirista, no qual o governo do presidente era definido como uma ditadura. Díaz era descrito como um indivíduo ambicioso, que tomava suas atitudes devido ao seu grande objetivo de manter-se no poder presidencial, e não mais aquele patriota que se movia em prol da nação, como representado por Bernardo Reyes e Justo Sierra.

Logo no início do livro, ao apresentar seus objetivos ao publicar a obra, Madero discorreu sobre a existência de duas naturezas de ditaduras. A primeira era caracterizada como “franca e audaz” (1909, p. 16), tendo como característica paralisar o funcionamento democrático. O destino dela era ser derrubada por uma forte reação que restabeleceria a liberdade no país. A segunda classe de ditadura era a que se passava no México durante o porfiriato: baseada na retórica de acatamento aos aspectos constitucionais, este segundo tipo aparentava manter a normalidade democrática. Mas isso se passava apenas na forma, uma vez que, no fundo, o México passava por um momento inequívoco de ditadura que ia minando cada vez mais a liberdade da população, sem que esta se desse conta, satisfeita que estava com os progressos materiais.

O objetivo do livro, portanto, era discutir esta situação pela qual passava o México e fazer com que os próprios cidadãos compreendessem e tentassem modificar o futuro do país.¹⁶ A legitimidade construída por Madero em seu trabalho adveio tanto da utilização de fontes oficiais, como do que dizia o povo mexicano, já que: “en estos casos [quando faltavam dados oficiais para comprovar algo] tendré que atenerme á lo que dice la voz pública y en vez de hacer afirmaciones rotundas, sentaré los hechos como muy probables” (MADERO 1909, p. 27). Ou seja, lançaria mão, heurísticamente, do senso comum e da história.

¹⁶ É importante explicar que, no final do governo de Díaz, os intelectuais começaram a discutir o fator biográfico que era a idade do presidente, tendo 78 anos em 1908. Colocamos futuro porque, como veremos, Francisco Madero tinha o receio de que Ramón Corral, candidato a assumir a vice-presidência da República em 1910, ascendesse à primeira magistratura caso Díaz morresse. Se isso ocorresse, Madero cria que se perduraria o princípio de poder absoluto no México.

Antes de escrever propriamente sobre o governo presidencial porfirista, ao analisar ainda a “Revolução de la Noria” e a de “Tuxtepec”, diferentemente do que escreveu Don Bernardo, Madero entendeu estes acontecimentos como o resultado da ambição pessoal do general e dos militares que o apoiavam. Explicou o coahuilense que mesmo havendo o acordo conhecido como convênio de Capilla, após a vitória das forças porfiristas em Tecoac, estado de Puebla – em que o presidente da Suprema Corte mexicana, José María Iglesias, assumiria o governo até serem marcadas as eleições –, Díaz tornou-se presidente. E assim concluiu, “había dejado de subsistir el Gobierno Constitucional que existía desde el año de 1857 y se había establecido en su lugar, una dictadura militar, un gobierno de hecho, á la cabeza del cual se encontraba el General Porfirio Díaz.” (MADERO 1909, p. 109-110).

A partir desse ponto, o autor argumentou que os feitos de Don Porfirio se justificariam por essa “ideia fixa” do presidente em manter-se no poder. Ao contrário do que fizeram Reyes e Sierra, Madero afirmou que os progressos materiais do México, bem como o momento de paz que desfrutava o país, eram resultados não do patriotismo de Díaz ou de sua vontade de ver um México moderno, mas sim devido a sua sede de glória e ambição pessoal.

Díaz tornara-se a encarnação do poder absoluto, suprimindo os partidos políticos e a dinâmica governamental fomentada pelos mesmos. E o fizera não sustentado pelo poder delegado pelos cidadãos mexicanos, mas sim pelas armas. Enquanto Bernardo Reyes uniu em sua obra a trajetória de vida do presidente à trajetória de vida do México, ligando-a ao episódio conhecido como Grito de Dolores, Madero remeteu-se ao padre José María Morelos¹⁷ para deslegitimar o governo de Díaz:

Pues bien, el poder absoluto del General Díaz, ha creado en México una situación muy distinta á la soñada por Morelos.

El Jefe de la Nación en vez de ser siervo y de acatar los decretos del pueblo, se ha declarado superior a él y ha desconocido su soberanía, así es que el gobierno que tenemos actualmente, ni está nombrado por el pueblo, ni sostenido por él. Su fuerza dinamita de las bayonetas que después de Tecoac lo llevaron al Palacio Nacional, y que aún lo sostienen allí (MADERO 1909, p. 232).

Apesar do autoritarismo definir seu governo, Madero acreditava que o vilão Díaz poderia ser redimido ante o tribunal da história e se tornar um dos maiores indivíduos lembrados pela humanidade. Isso porque, apesar de seu desejo pelo poder, a paz conquistada no México há mais de 30 anos “fincara profundas raíces no solo nacional, de forma que seu florescimento” no país “parecia assegurado”, o que dava crédito a Díaz: “General Díaz, con su mano de hierro ha acabado con nuestro espíritu turbulento é inquieto y ahora que tenemos la calma necesaria y comprendemos cuan deseable es el reino de la ley, ahora si

¹⁷ O padre José María Morelos é considerado o “segundo herói da independência”, já que assumiu a luta depois da morte de Hidalgo.

estamos aptos para concurrir pacíficamente á las urnas electorales para depositar nuestro voto” (MADERO 1909, p. 287-288).

Para o historiador inglês Paul Garner, mesmo não apoiando politicamente o presidente, Madero não deixou de tecer elogios ao governo do mesmo (GARNER 2003, p. 22). Sua crítica não era a de pacificação do presente, mas a transformação deste estado de paz em uma ditadura não apoiada na vontade popular. Argumentou que o governo de Don Porfirio não podia ser considerado um despotismo vulgar, pois gozava de prestígio no concerto internacional e também dentro do país (MADERO 1909, p. 287).

Desta forma, a crítica de Madero foi direcionada a falta de liberdade política que passou a existir no México porfirista. Para solucionar aquela situação denunciada, a proposta era, portanto, a criação de um partido político, o Partido Nacional Democrático. Seus princípios eram o de não reeleição e liberdade de sufrágio, para que pudesse concorrer nas eleições de 1910 e fomentar, com isso, um ambiente de disputa com os governantes nomeados pelo presidente. O país já estava estável, pacífico, bastava agora passar para a etapa da liberdade, do funcionamento, no fundo, das leis e ao respeito à constituição.

Toda essa argumentação política tinha base na sua interpretação heurística da História. Para Madero, Clio abençoava ditaduras consideradas legítimas: aquelas que se erguiam quando um povo pegava em armas para conquistar um princípio e o chefe de tal movimento podia ser investido de poderes extraordinários para guiar a Nação na turbulência (MADERO 1909, p. 120). Esses ditadores tinham “grandeza de alma”.

Nesse sentido, Díaz tivera lastro no início de seu governo. Mas sua “ideia fixa” pelo poder mostrava que ele não tinha “grandeza de alma”, mas “astúcia, paciência, hipocrisia”. Díaz emulava a Augusto, primeiro imperador romano:

Frecuentes ejemplos de esta naturaleza nos presenta la historia, pero el que tiene más semejanza con el método seguido por el General Díaz para absorber en sus manos todo el poder, lo encontramos en la vida de Augusto, que acabó con las libertades romanas, á la vez que con las causas de su grandeza y dio principio, con su despotismo, á la era de la decadencia de aquel gran imperio (MADERO 1909, p. 122).

A leitura condenatória de Díaz a partir do exemplo de Augusto era embasada por Tácito, citado explicitamente. O historiador romano narrou a concentração de poderes nas mãos do príncipe, afirmando que Otávio conquistara o exército com dádivas; o povo, com trigo e a todos (incluindo ao Senado, magistrados e leis) com a paz que instaurou. Madero segue sua argumentação colado ao texto de Tácito e afirma que não houve oposição à contração de poderes, uma vez que

los republicanos más dignos habían sucumbido en las batallas y en los proscripciones; los nobles que quedaban, se elevaban en riquezas y en honores á medida que aumentaba su servilismo; aquellos que habían sido elevados por los nuevos acontecimientos, amaban más el presente y su seguridad, que el pasado con sus peligros (MADERO 1909, p. 122).

Para continuar seu paralelo, Madero recorre às interpretações que Montesquieu e Charles Ernest Beulé fizeram de Augusto, reafirmando que o romano fora um “astuto tirano”, que conduzira os romanos à servidão. A conclusão era a de que César tentara, mas apenas Otávio, com “sua habilidade, sua astúcia e sua hipocrisia”, estabelecera um império (MADERO 1909, p. 124).

Se repararmos, o autor apresenta os mesmos adjetivos, bem como os mesmíssimos mecanismos de tomadas de poder: Díaz era um novo Augusto. Essa espécie de narrativa muito similar às *Vidas dos cézares* de Suetônio não era, obviamente, uma escolha casual. O historiador romano compartilha o pressuposto da historiografia senatorial “de que o governo de um imperador só é legítimo na medida em que contemple outros grupos sociais, sobretudo o Senado, mas também a plebe e o exército” (JOLY 2005, p. 125). Deliberadamente, Madero sugere a seus leitores que leiam aquele autor latino para entenderem o que se passava no México como um espelho de fatos que se repetiam pela história (MADERO 1909, p. 276). Segundo o autor, Augusto – e, por extensão, Díaz – podia até ser um bom governante (ao assegurar a paz), mas, usava do controle do exército, do Senado e do povo para perpetuar-se no poder.

Na verdade, os *exempla* voltavam à Grécia antiga. De novo, baseava-se na leitura de Montesquieu para afirmar que as leis antigas eram feitas para “formar um grande povo e não para governá-lo”,

151

resultando de esto que cuando llegó á un alto grado de grandeza, de poder, de riqueza y que su territorio había aumentado considerablemente por medio de la conquista, volvió á caer en manos del despotismo y vino Alejandro, el Grande, aprovechando todos los elementos acumulados por la fuerza de la democracia, á asombrar al mundo con sus épicas gloriosas, fundando el más grande imperio de la tierra, pero cuya grandeza no le impidió desmembrarse á la muerte de su fundador (MADERO 1909, p. 128).

Mais uma vez, as metáforas arborescentes voltavam para caracterizar a reflexão do passado. Para Madero, mesmo com o despotismo alexandrino, as “ideias democráticas estavam tão arraigadas na Grécia”, que depois do general macedônico e de mais guerras civis, a região retomou o modelo de pequenas repúblicas até cair sob jugo romano. Como as metáforas de árvore nos revelam filiação, caminho único entre a raiz profunda grega, o autor prossegue afirmando que a “semente da liberdade” que gerara “ótimos frutos na Grécia” foi levada por ondas até as praias itálicas, “onde floresceu” (MADERO 1909, p. 159). O ciclo repetiu-se em Roma: a força das instituições republicanas, que envolvia todos os cidadãos, acabou por gerar um imenso império, “que conquistou todo o mundo civilizado”. Mas o peso do império trazia outra semente: a da ruína. Montesquieu era mais uma vez a fonte do raciocínio, pois no *Espírito das Leis* ele afirmara que as repúblicas deviam se manter pequenas; que seu formato político não subsiste a existência de largos territórios.

Tal como a Grécia tivera Alexandre, Roma tivera César e depois Augusto. E, como já abordamos, a visão de Madero sobre o principado era a de uma fase de início de ditadura, centralização de poder e solapamento da democracia

romana. O pior, no entanto, viria depois e seria consequência do período dos Césares:

Roma, acostumbrada á la servidumbre por Augusto, admitió á la muerte de éste, el yugo de Tiberio, austero y valeroso militar; pero una vez este en el poder, dio rienda suelta á sus más bajas pasiones, las cuales había ocultado antes, porque se distinguía en el arte del disimulo, tan en boga en nuestros días. ¡Cuidémonos de esos que tan bien saben disimular! (MADERO 1909, p. 276).

E, assim como Otávio legou o poder a Tibério, Díaz escolheria fatalmente entre Reyistas ou, mais provavelmente, entre os *Científicos*. Logo, o México repetiria a história romana e o “poder absoluto” se concentraria cada vez mais até que, “como um vasto organismo carcomido pela gangrena”, cairia “prostrado por sua própria doença”: “a esto se debió la Ruina de Roma y no a las invasiones de los bárbaros”, concluiu Madero. Para um país com histórico recente de invasões, relembrar o fim de Roma ganhava outra dimensão. Valia lembrar que, contudo, o México não era uma Roma rediviva e que seu destino seria mais funesto:

Hay que desengañarse, vamos por una pendiente fatal, y nosotros no podremos sufrir tantos años de decadencia como resistió Roma, porque aquella gran República tenía una vitalidad asombrosa, y había conquistado á todo el mundo, así es que no existía ninguna Nación que pudiera atacarla; mientras que nosotros, somos un pueblo débil, que tenemos por vecino á un pueblo poderoso que bien puede desear ensanchar sus fronteras, invocando algún pretexto como lo sería el de regenerar á nuestro país. En este caso, nuestra resistencia sería muy débil y la pérdida de nuestra independencia segura (MADERO 1909, p. 277).

152

O espelho da História refletia *exempla* mais recentes de como, em momentos de distração, nações civilizadas sucumbiam diante de déspotas:

Ningún escritor reconoce grandes virtudes á Napoleón III, y sin embargo, logró establecer el poder absoluto en Francia, país republicano por excelencia y el más adelantado en el mundo en instituciones y prácticas democráticas. ¡Los franceses nunca se cansaron de lamentar las funestas consecuencias que trajo á su patria ese gobierno! (MADERO 1909, p. 125).

Por outro lado, a história também carregava exemplos de virtude e boa conduta política. Nas “irmãs repúblicas da América do Sul”, era possível observar o que fizera Bolívar, que não teria visto motivos para perpetuar-se no poder. O Libertador dissera e Madero o citava: “La Nación cuya existencia depende de uno solo hombre, no puede tener vida duradera”. Outro exemplo eram os Estados Unidos, um dos poucos lugares que, através do federalismo, contradisseram com sucesso o previsto por Montesquieu sobre grandes repúblicas, aliando grande território ao funcionamento republicano pleno. Dessa forma, o exemplo de George Washington que, mesmo sendo um herói incontestado da independência americana, não aceitou se reeleger uma segunda vez adquiria

um significativo valor ao ser utilizado para se referir a Díaz. O passado recente também mostrava Theodore Roosevelt, que

prefirió la gloria de imitar el ejemplo del padre de la patria, en vez de seguir el consejo de sus amigos y los impulsos de su ambición personal. Estos ejemplos son cada vez más frecuentes en las naciones civilizadas, en donde todo el mundo respeta la ley y en donde impera la fuerza, como en los pueblos atrasados (MADERO 1909, p. 126).

Parece possível postular que, por avançados, Madero se referia aos vizinhos do Norte, ao passo que os atrasados eram os irmãos do sul. Fato é que o México, nessa citação, tornara-se uma ilha de falta de virtude e civilidade, rodeada de bons exemplos de conduta pública e de grandes homens a frente de grandes povos. E tal presente funesto ameaçava seu futuro: “México pasa por uno de los períodos de su historia más peligroso y sólo el patriotismo de todos los mexicanos podrá salvarlo de las tempestades que lo amenazan” (MADERO 1909, p. 278).

Aspectos historiográficos atuais: continuamos a pacificar o passado mexicano?

As análises políticas criadas ainda durante o Porfiriato centraram-se na ideia da “paz porfiriana” e o que ela rendia para o presente e para o futuro do país. Mas que seria essa “paz” que estes indivíduos tanto descreveram? Como pudemos perceber, a memória desta geração foi marcada por uma imagem de guerras civis e intervenções estrangeiras que cindiram o país pós-1810. Além disto, havia um grande temor frente à potência vizinha de que esta, achando o México em situação de ingovernabilidade por causa de todos esses conflitos, acabasse invadindo o país e destituindo a soberania nacional. Dessa forma, é possível concluir que, ao construir uma representação do Porfiriato estes escritores estavam pautados em uma ideia de passado caótico, de um presente pacificado e de um futuro que dependia do que o presente faria da paz.

Nesse sentido, a obra de Madero contribuiu para uma mudança de matriz discursiva sobre o Porfiriato, que se consolidou a partir da eclosão da Revolução Mexicana. Principalmente na década de 1920, intelectuais que buscavam legitimar o projeto revolucionário, deslegitimariam o governo de Don Porfirio. Um exemplo disto é o livro de Luis Lara Pardo que em 1921 escreveu *De Porfirio Díaz a Madero* em que caracterizou o presidente como cruel, egoísta, indivíduo que muito fez para prostituir o povo mexicano.¹⁸

De uma forma geral, a historiografia sobre o Porfiriato durante as primeiras décadas do período revolucionário mexicano passou a censurar veementemente o governo de Porfirio Díaz. De construtor da nação mexicana, o presidente foi

¹⁸ “Bajo los oropeles de la abundancia y la prosperidad, comenzaron a aparecer la crueldad, la intransigencia, la ambición sin límites y el egoísmo del César. Entonces pudo verse que las verdaderas características de su régimen eran dos: exterminio y prostitución [...]. El general Díaz creía firmemente en el exterminio como arma principal de gobierno [...]. Pocos gobernadores, aún entre los reyes, emperadores, faraones, sultanes y califa, han hecho más para prostituir un pueblo que el general Díaz para degradar a los mexicanos” (PARDO *apud* GARNER 2003, p. 18).

representado como um ditador tirânico, que concentrou em suas mãos uma grande parcela de poderes políticos e suprimiu a dinâmica partidária existente no cenário público do país. Como escreveram Gómez Galvarriato e Tenorio Trillo, “la más de las veces el apego involuntario a la historiografía de la Revolución ha producido o que John Womack (1971) denominó *precursorismo*: todo en el Porfiriato era visto o ignorado en tanto antecedente a la Revolución.” (TENORIO TRILLO; GÓMEZ GALVARRIATO 2006, p. 13). A geração de historiadores da década de 1950/1960 ainda admitia esse enfoque historiográfico antiporfirista pós-revolucionário.¹⁹

As gerações seguintes marcaram-se pela querela entre a descrição de um governo “modernizador” ou “arcaizante”. Os defensores do primeiro modelo mostravam os progressos materiais no país e citavam a criação de um Estado moderno forte. O segundo grupo apontava para a crescente concentração de poderes nas mãos de Díaz, ao passo que a população mexicana era marginalizada. Citamos,

Lo que dejaron escrito Ricardo García Granados, José C. Valadés o don Daniel y su equipo fue, primero, una valiosa colección de datos y cronología; segundo, una suerte de “acto contrición” casi personal, siempre comenzado con la premisa de la maldad o incorrección del Porfiriato y terminado con un insospechado respeto y indecisión ante la nota moral del régimen. Por ello, aún hoy, todo lo nuevo que se escribe difícilmente podría caracterizarse como revisionismo. Todo es, por más post esto y post lo otro que se presente, una simple aclaración, un apunte o una acotación a esos datos y a esta indecisión moral de los viejos maestros: en total un conjunto de trabajos que no le quitan al periodo en cuestión su sitio todavía marginal en el total de la historiografía mexicana.

Si la ambigüedad política y moral frente al Porfiriato ha permanecido es porque no es fácil aceptar las dolorosas lecciones de la historia (TENORIO TRILLO; GÓMEZ GALVARRIATO 2006, p. 16-17).

154

Apenas a partir da década de 1990, o Porfiriato passou por mudanças historiográficas que repensaram tal herança. Com a pulverização de trabalhos na área da história cultural e regional, além das questões políticas como o desencantamento com o paraíso revolucionário que mostraria o verdadeiro México mascarado pelos anos de porfirismo, e a permanência por setenta anos no governo do Partido Revolucionário Institucional (PRI),²⁰ os historiadores passaram a reavaliar os anos entre 1876 e 1911. Para estudiosos como Mauricio Tenorio Trillo e Aurora Gómez Gavarriato, houve uma permanência, e não completa ruptura, de muitos aspectos do Porfiriato durante a Revolução Mexicana.²¹

¹⁹ Daniel Cosío Villegas foi um dos mais proeminentes escritores desse período. Seu principal trabalho foi *História moderna do México*, referente à República Restaurada e ao Porfiriato.

²⁰ O PRI- Partido Revolucionário Institucional governou o México desde o ano de 1929 até 2000, sendo, portanto, 71 anos de poder hegemônico. Em 2000 quem ganhou para ocupar a presidência do país foi Vicente Fox Quesada do PAN- Partido da Ação Nacional do México.

²¹ Como explicaram Tenorio Trillo e Gómez Galvarriato: “Las columnas que sostenían la leyenda negra del Porfiriato [...] han ido cayendo poco a poco. No porque el Porfiriato fuera en verdad el paraíso perdido, sino porque el régimen posrevolucionario gradualmente se alejó del éden prometido” (TENORIO TRILLO; GÓMEZ GALVARRIATO 2006, p. 14).

Do ponto de vista da leitura da historiografia sobre o período, contudo, como pudemos demonstrar, a base sobre a qual se ergueu a clivagem historiográfica entre um Díaz modernizante e um arcaizante, entre um déspota ou um herói da nação é bem anterior à geração dos “*viejos maestros*”. Ela foi construída retoricamente ainda durante o governo do próprio presidente.

Referências Bibliográficas

BENAVIDES Hinojosa, Artemio. **El general Bernardo Reyes**: vida de un liberal porfirista. Monterrey: Ediciones Castillo, 1998.

COSÍO Villegas, Daniel. **Historia moderna de México**: el Porfiriato, vida económica. Cidade do México: Editorial Hermes, 1965.

FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. **Patria mestiza**: memória e história na invenção da nação mexicana entre os séculos XVIII e XIX. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 2009.

GARNER, Paul. **Porfirio Díaz**: del héroe al dictador, una biografía política. Cidade do México: Planeta, 2003.

GONZÁLEZ, Luis. El liberalismo triunfante. In: COSÍO Villegas, Daniel. et al. **Historia general de México**. Cidade do México: El Colégio de México, 2000.

GUERRA, François-Xavier. **México**: del Antiguo Régimen a la Revolución, I. Cidade do México: FCE, 1991.

HALE, Charles. **La transformación del liberalismo en México a fines del siglo XIX**. Cidade do México: Vuelta, 1991.

JOLY, Fábio Duarte. Suetônio e a tradição historiográfica senatorial: uma leitura da Vida de Nero. **História**, São Paulo, v. 24, Nº. 2, p. 111-127, 2005.

LOMNITZ, Claudio. Los intelectuales y el poder político: la representación de los científicos en México del porfiriato a la revolución. In: ALTAMIRANO, Carlos (dir.); MYERS, Jorge (dir. do volume). **Historia de los intelectuales en América Latina**. Vol. I. Buenos Aires: Katz Ediciones, 2008.

MADERO, Francisco I. **La sucesión presidencial en 1910**: el partido nacional democrático. San Pedro: Coahuila, 1908.

PARDO, Luis Lara. **De Porfirio Díaz à Francisco Madero**: la sucesión dictatorial de 1911. Nova York: Polyglot Publishing and Commercial Co., 1912.

REYES, Bernardo. **El general Porfirio Díaz**. Cidade do México: Editora Nacional, 1960.

REYES Heróles, Jesús. **El liberalismo mexicano**. 3 vols. Cidade do México: UNAM, 1957-1961.

ROZAT Dupeyron, Guy. **Las orígenes de la nación**: pasado indígena e historia nacional. Cidade do México: Universidad Iberoamericana, 2001.

- SIERRA, Justo. **Evolución política del pueblo mexicano**. México: La Casa de España en México, 1940.
- TENORIO TRILLO, Mauricio; GÓMEZ GALVARRIATO, Aurora. **El Porfiriato: herramientas para la historia**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2006.
- VÁZQUEZ, Josefina Zoraida. **El primer liberalismo mexicano, 1808-1855**. INAH-Porrúa, 1995.
- VÁZQUEZ, Josefina Zoraida. Liberales y conservadores en México: diferencias y similitudes. **EIAL**, Vol. 8, Nº. 1, 1997.
- VILLORO, Luis. La revolución de independencia. In: COSÍO, Daniel Villegas et al. **Historia general de México**. Cidade do México: El Colégio de México, 2000.
- WOMACK, John. **Mexican political historiography**: investigaciones contemporáneas sobre historia de México: memorias de la tercera reunión de historiadores mexicanos y norteamericanos, Oaxtepec, Morelos, 4-7 de noviembre de 1969. Austin: University of Texas Press, 1971.